



## ESTADOS UNIDOS

# Justiça bloqueia desmonte da Usaid

Liminar concedida por juiz de Washington impede temporariamente que 2,2 mil funcionários da agência de ajuda humanitária sejam colocados em licença administrativa. Trump voltou a pedir o fechamento do órgão

Uma decisão da Justiça de Washington impediu, ontem, que o governo de Donald Trump avançasse na paralisação da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), responsável por 40% de toda a ajuda humanitária aplicada no mundo. O juiz distrital Carl Nichols determinou o bloqueio temporário das medidas de paralisação do órgão, impedindo que cerca de 2,2 mil funcionários fossem colocados em licença administrativa.

A liminar, que o próprio juiz admitiu ser limitada, também suspende a realocação de trabalhadores humanitários alocados fora dos EUA. A decisão de Nichols foi tomada na análise de recursos interpostos por dois sindicatos que representam a categoria.

De manhã, Donald Trump havia, mais uma vez, pedido o fim da agência, que atua em mais de 120 países e é a maior distribuidora de ajuda global. "A CORUPÇÃO ESTÁ EM NÍVEIS RARAMENTE VISTOS. FECEM-NA!", publicou o líder republicano em sua rede social, a Truth Social, sem apresentar provas.

"Sim, senhor presidente!", respondeu o bilionário Elon Musk. O homem mais rico do mundo está à frente do departamento do governo de Donald Trump para reduzir gastos de Estado, o Doge, na sigla em inglês. Para Musk, a Usaid é um "ninho de víboras de marxistas da esquerda radical que odeiam os Estados Unidos". Já Trump acredita que a agência é dirigida por "radicais loucos de esquerda".

Horas depois da postagem de Trump, os letreiros da Usaid foram removidos da sede do órgão, em Washington. O afastamento dos funcionários valeria a partir da meia-noite de ontem. O chefe da Casa Branca havia ordenado que

milhares de funcionários da agência retornassem para os Estados Unidos e congelou a ajuda externa.

Pelo projeto de Musk, 97% dos funcionários devem ser demitidos, passando de 10 mil para menos de 300, segundo o *The New York Times*.

Os Estados Unidos destinam atualmente cerca de US\$ 58 bilhões (R\$ 334 bilhões) à ajuda internacional, o que o torna o maior doador do mundo. No entanto, isso equivale a entre 0,7% e 1,4% do gasto total do governo, segundo o Pew Research Center.

"Essa dissolução de fato constitui um dos piores e mais caros erros de política externa da história americana", ressaltou a diplomata Samantha Power, embaixadora dos EUA na ONU durante a gestão Barack Obama (2013-2017). "Ameaça milhões de vidas e milhares de empregos nos Estados Unidos, e compromete seriamente nossa segurança nacional e influência no mundo", insistiu Power, que esteve à frente da agência durante o mandato do ex-presidente democrata Joe Biden.

No retorno à Casa Branca, Trump vem tomando uma série de decisões radicais para reduzir a máquina pública e cortar gastos. Algumas delas foram impugnadas por tribunais ou suspensas.

### TPI

Em Haia, na Holanda, a presidente do Tribunal Penal Internacional (TPI), Tomoko Akane, reagiu às sanções impostas por Trump, na véspera, contra integrantes da corte. Akane classificou as medidas como "ataques graves" contra os Estados-membros e a ordem internacional. A atitude de Trump foi uma represália a decisões tomadas contra Israel. Setenta e nove países-membros do TPI, entre eles o Brasil, repudiaram a ação do norte-americano.

AFF



O chefe da Casa Branca vem tomando uma série de decisões para reduzir a máquina pública

### » Volta ao plástico

Cético em relação às mudanças climáticas, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou, ontem, que vai expedir um decreto contra os canudos de papel ecológicos, promovidos por seu antecessor, o democrata Joe Biden. "VOLTA AO PLÁSTICO", escreveu o chefe da Casa Branca, em sua plataforma Truth Social. Biden pretendia eliminar, na medida do possível, o uso de utensílios plásticos descartáveis em departamentos e órgãos federais até 2035. Copos, talheres e canudos descartáveis são muito usados pelos norte-americanos, grandes consumidores de refeições para levar ou entregues em casa. O canudo não reciclável se tornou um dos principais símbolos mundiais da poluição por plástico, especialmente nos oceanos.

## Ameaça ao Canadá "é real", diz Trudeau

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pode estar "falando sério" sobre a anexação do Canadá, devido ao seu interesse em controlar os recursos naturais do país. O alerta foi feito, ontem, pelo primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, em uma reunião a portas fechadas durante uma cúpula econômica organizada por seu escritório em Toronto. O prêmio assinalou que a soberania de seu país é inegociável.

"Sugiro que a administração Trump não só sabe quantos minerais críticos temos, mas que essa pode ser a razão pela qual continuam falando em nos absorver e nos transformar no estado número 51" dos Estados Unidos. "Estão muito cientes dos nossos recursos, do que temos e queremos poder se beneficiar deles", assinalou. "Trump tem em mente que uma das maneiras mais fáceis de fazer isso é absorvendo o nosso país. E isso é algo real", insistiu. Os comentários, feitos depois que a imprensa saiu da sala, foram reproduzidos por um alto-falante e ouvidos pelo Toronto Star e pela emissora pública CBC.

Quando perguntado sobre os comentários de Trudeau à margem da cúpula, e se Ottawa se preocupa com a ameaça de Trump, o ministro da Indústria, François-Philippe Champagne, disse à agência de notícias France Presse (AFP) que "ninguém pode questionar a soberania do Canadá".

"Nossos amigos norte-americanos entendem que precisam do Canadá para sua segurança econômica, precisamos do Canadá para sua segurança energética e precisamos do Canadá para sua segurança nacional", elencou. Por sua

vez, a ministra do Comércio, Anita Anand, disse que o país vai resistir a qualquer expansionismo dos Estados Unidos.

Justin Trudeau convocou o encontro com líderes empresariais e trabalhistas para coordenar uma resposta à ameaça iminente de Trump de impor tarifas de 25% sobre todas as importações vindas do Canadá, uma sanção que poderia paralisar a economia do país. As tarifas entrariam em vigor na última terça-feira, mas foram adiadas por 30 dias para a continuidade das negociações.

### Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Qual será a próxima tacada?

Qualquer dúvida que restasse sobre a conduta de Donald Trump no retorno à Casa Branca se desfez com a ideia de transformar a Faixa de Gaza no "empreendimento imobiliário mais espetacular do mundo" — depois que a população palestina tenha sido retirada do território. Em uma das declarações que fez sobre o projeto, o presidente dos EUA referiu-se à remoção dos civis com o verbo "limpar".

Depois de acenos reiterados à anexação da Groenlândia e à retomada do Canal do Panamá, assim como à incorporação do Canadá, o plano para assumir o controle de Gaza confirma algumas das principais marcas do primeiro mandato. Trump volta ainda mais imprevisível. E continua administrando o país da maneira como aprendeu a abordar os interesses de seu império imobiliário: com agressividade máxima.

### Vale ouro

O projeto para transformar as ruínas de Gaza em uma versão da Riviera Francesa em pleno Oriente Médio

foi anunciado na Casa Branca, diante do primeiro-ministro de Israel. E o próprio Benjamin Netanyahu pareceu surpreso. O anfitrião afirmou que o aliado estratégico "entregará" aos EUA o controle do território "ao final da guerra". Certamente, foram surpreendidos assessores de alto escalão, próximos ao presidente.

Tendo ou não conhecimento prévio, o governo israelense já instruiu o comando militar a preparar um plano para viabilizar "a saída voluntária" dos palestinos de Gaza para países vizinhos "que aceitem alojá-los". Tivesse ou não alguma pista sobre os planos do aliado, Netanyahu foi a Washington levando na bagagem um presente para Trump, de valor simbólico e também material: uma réplica coberta de ouro dos paggers que Israel transformou em bombas para executar altos comandantes do movimento xiita libanês Hezbollah.

### Discurso calibrado

Do repúdio frontal às reservas cautelosas, muitas vezes com doses de estupor e alguma incredulidade, as reações mundo

afora começam a dar pistas sobre o rumo que o novo governo Trump poderá imprimir às relações internacionais.

Egito e Jordânia, mencionados como possíveis destinos para o "reassentamento" dos moradores de Gaza, rejeitaram e condenaram de bate-pronto a ideia. Aliados europeus, como Reino Unido e França, evitaram tomar posição mais concreta, e preferiram lembrar que o Direito Internacional condena a remoção forçada de populações.

O governo brasileiro dá sinais de que procura calibrar o discurso na interação com uma potência mundial com incidência incontornável no ambiente imediato. O presidente Lula reafirmou o reconhecimento de Gaza como parte de um Estado palestino soberano, e insistiu na necessidade de que ele seja estabelecido. Quanto a Trump, disse respeitar seu mandato, mas observou: "Ele foi eleito para governar os EUA, não para mandar no mundo".

### Ponte aérea

A nova coreografia para as relações entre EUA e Brasil vai sendo

ensaiada no delicado processo da deportação em massa dos imigrantes em situação irregular. Um teste prático foi a partida de mais um grupo, ontem, desta vez em avião da FAB. O embarque foi acompanhado nos EUA por um diplomata brasileiro. Os procedimentos seguiram roteiro definido por um grupo de trabalho bilateral criado em resposta aos protestos formais contra a chegada dos primeiros brasileiros ao país, alagados e acorrentados.

Ao contrário de Colômbia e México, que inicialmente se recusaram a receber os deportados nas condições fixadas por Washington, o Brasil cobrou publicamente o respeito aos direitos humanos dos cidadãos, mas negociou termos para as deportações pela via discreta própria da diplomacia profissional. Planalto e Itamaraty têm consciência de que as operações de repatriação tendem a se repetir por algum período.

### Cravo e ferradura

As incógnitas que cercam a abordagem a ser adotada pela Casa Branca e pelo Departamento de Estado na América Latina ficaram expostas nas primeiras semanas do novo governo. Trump reconhece como

presidente legítimo da Venezuela o candidato opositorista Edmundo González, e não Nicolás Maduro, reempossado em janeiro. Mas enviou um emissário a Caracas para negociar um acordo pelo qual o governo chavista aceitou receber os deportados e libertou seis norte-americanos presos sob a acusação de tramocar o assassinato de Maduro.

Como compensação, o secretário de Estado, Marco Rubio, entusiasta da ideia de remover o presidente venezuelano — pela força, se preciso —, pôde exercer sua política linhada no Panamá. Na primeira escala de sua viagem inaugural no cargo, Rubio arrancou do governo local a declaração formal de retirada da Iniciativa Cinturão e Rota, programa pelo qual a China procura reeditar a milenar Rota da Seda e estender suas esferas de influência.

O pacote discutido pelo secretário de Estado inclui ainda um compromisso segundo o qual não será renovado o contrato pelo qual uma empresa chinesa opera setores do Canal do Panamá, que Trump ameaça reencampar. O governo panamenho desmentiu, no entanto, a isenção de tarifas para navios americanos que cruzem a estratégica via que liga os oceanos Atlântico e Pacífico.